

O TURISMO SERTANEJO COMO ALTERNATIVA ECONÔMICA PARA O SEMI-ÁRIDO

Giovanni de Farias Seabra¹

Resumo

O Turismo Sertanejo é uma forma de lazer fundamentada na paisagem natural, no patrimônio cultural e no desenvolvimento social das regiões interioranas do Brasil. Em virtude do seu caráter natural, social, cultural ecológico e paisagístico, o Turismo Sertanejo insere-se na perspectiva desenvolvimento/preservação ambiental dos sertões do País. Tem como principal objetivo promover a compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo os aspectos físicos, biológicos, sociais, econômicos, tecnológicos, culturais, científicos e éticos. De maneira bastante sintética, pode-se dizer que o Turismo Sertanejo insere-se na categoria de turismo exótico, um misto de agroecoturismo, com ênfase na valorização da identidade cultural regional e na melhoria das condições de vida da comunidade local.

Palavras-chave: Turismo Sertanejo, Desenvolvimento Social, Agroecoturismo.

Introdução

É de domínio público a importância do setor turístico para a economia mundial, nacional, regional e municipal. Sabe-se também que o aperfeiçoamento do setor turístico deve-se há décadas de estudos voltados ao planejamento de sua estruturação. Pioneiros no setor, os europeus desenvolveram uma grande diversidade de segmentos, como o turismo nos balneários mediterrâneos, o turismo de montanha, o turismo rural, o turismo cultural, o turismo de eventos, o turismo de negócios, o agroturismo, o ecoturismo e outros.

¹ Doutor em Geografia Física, Prof. Adjunto do Departamento de Geociências – UFPB, seabra@geociencias.ufpb.br

Artigo publicado na Revista Paraibana de Geografia. Vol.3, Número 1, julho de 2001.

Os exemplos de experiências externas, seus erros e acertos devem ser tomados como referencial no planejamento do turismo interno. Contudo, é preciso cautela na adoção de modelos e padrões importados, uma vez que o produto turístico é caracterizado pela diversidade e não pela homogeneidade dos lugares. As especificidades ambientais e culturais do lugar turístico devem ser mantidas, evitando-se a padronização paisagística e cultural e o conseqüente desinteresse do turista. Nessa perspectiva, não se enquadra, por exemplo, os chamados carnavais fora de época, que incentivam a invasão no sertão da cultura litorânea, onde recursos vultosos são aplicados sem qualquer retorno econômico ou benefício social.

Para que o turismo se desenvolva de forma integrada aos outros setores da economia, o seu planejamento deve conter estrutura sistêmica (Beni, 1997), possuindo conteúdo social, sem comprometimento da realidade paisagística e cultural local, garantindo a descentralização política e econômica dentro de um modelo de desenvolvimento autosustentável.

Quando comparado aos investimentos na indústria formal², o turismo apresenta custos bastante reduzidos, tornando possível arrecadar recursos em curto prazo e criando uma infinidade de postos de trabalho. Segundo dados da Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo, a indústria turística mundial faturou US\$ 4,5 trilhões em 1999, permitindo a criação de 192 milhões de empregos.

Em 1998, o setor turístico movimentou no Brasil 32 bilhões de dólares, como resultado das viagens de 38 milhões de turistas domésticos e 5 milhões de turistas estrangeiros. Se forem computados apenas os viajantes estrangeiros, em 1999 o faturamento atingiu 4 bilhões de dólares. Para o ano de 2003, a Embratur espera aumentar para 6,5 milhões o fluxo de turistas estrangeiros e 57 milhões o fluxo de turistas nacionais. O reflexo na economia do País será da ordem de US\$ 5,5 bilhões, correspondentes à receita cambial turística, e geração de 500 mil novos empregos.

Considerados bastante expressivos à primeira vista, esses números representam nada mais que o subaproveitamento do potencial turístico brasileiro, que ocupa

² Dados da Embratur registram que cada novo emprego direto no país custa mais de US\$ 100 mil em indústrias de ponta, US\$ 40 mil na indústria hoteleira, US\$ 10 mil em bares e restaurantes e apenas US\$ 500 no ramo de artesanato.

o 29º destino turístico mundial. No Brasil, além da demanda turística ser ainda muito insignificante, quando comparada a outros países, há uma grande concentração de investimentos nos novos espaços polarizados para este fim. Aeroportos são melhores equipados e vias expressas são abertas, servindo de ligação entre os campos de pouso e os hotéis tipo resorts. Esses megahotéis estão localizados nas outrora praias distantes, verdadeiros paraísos ecológicos, agora próximos ao mundo civilizado e distantes das comunidades tradicionais³.

Com o surgimento de novos espaços turísticos no litoral nordestino, problemas ambientais e conflitos sociais passam a existir, em razão da plastificação da paisagem natural e cultural através da implantação de empreendimentos hoteleiros. Conseqüentemente, os sítios de coqueiros, jaqueiras, mangueiras e frutas-pão, pontilhados de casinhas coloridas de pau-a-pique, são subitamente eliminados da paisagem turística, devido à imediata valorização dos terrenos, com a abertura de estradas asfaltadas e a chegada dos loteamentos⁴.

Entretanto, o modelo de turismo praia-sol, já apresenta claros sinais de exaustão. Principalmente porque o principal produto turístico, a paisagem litorânea, está sendo destruído pelos empreendimentos turísticos e casas de veraneio. Vale lembrar que o turismo é uma atividade cíclica: apresenta um início, um meio e o fim (Gallero, 2000). Sendo que o fim do turismo torna-se tanto mais próximo quanto maior for a velocidade de destruição do patrimônio natural e cultural.

Quando se trata do litoral brasileiro, o patrimônio turístico está sendo destruído de maneira acelerada e irresponsável. A velocidade dos empreendimentos transforma as paisagens naturais, o próprio produto turístico, em lugar não turístico, onde o turista torna-se refém de uma estrutura fechada intramuros, sem nenhuma identidade com o lugar.

³ Nos últimos anos, o Programa de Desenvolvimento Turístico do Nordeste - Prodetur/NE aplicou R\$ 6,4 bilhões na implantação de infraestruturas para viabilizar os empreendimentos turísticos. O programa é financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, em parceria com os estados nordestinos, que bancam 50% dos investimentos. O modelo hoteleiro adotado, tipo Cancun, ocupa as áreas habitadas pelas comunidades locais, impedindo-as de terem acesso aos meios tradicionais de subsistência.

⁴ As vias asfaltadas que cortam os sítios litorâneos em direção aos megaprojetos hoteleiros, produzem, às suas margens, uma infinidade de tipos de comércio, como postos de gasolina, borracharias, bodegas, pequenos restaurantes, motéis, lojas de material de construção e loteamentos.

Tudo leva a crer que a praia é um caso sem solução, pois o ciclo do turismo encontra-se em sua fase terminal. Por isso, antes que seja tarde, deve-se lançar um olhar para o interior - o domínio dos Sertões.

Mas, ir ao sertão ver o quê?

A Universidade cumpre um papel importante na identificação das potencialidades turísticas do Sertão. Com base em pesquisas, trabalhos de campo e o contato direto com a população sertaneja, foi constatado que o Sertão Nordeste possui um potencial turístico de valor inestimável, fundamentado no patrimônio natural, no patrimônio cultural e arqueológico e nos festejos juninos e religiosos. As informações levantadas e publicadas em teses, projetos e diversos trabalhos científicos, permitiram criar os lugares turísticos no interior do País – é a chamada turistificação do lugar.

Com extensão de aproximadamente 1 milhão de quilômetros quadrados e população de 20 milhões de pessoas, o semi-árido nordestino é cercado de características únicas. As precipitações atmosféricas reduzidas e irregulares associadas às temperaturas elevadas, provocam o lasqueamento e desfolhamento das rochas, resultando em relevo com formas bizarras, como pirâmides, pães-de-açúcar, cristas, serrotes, boqueirões e matacões.

Nas distantes áreas interioranas despontam os lajedos cobertos por uma vegetação rala e espinhenta – é a caatinga hiperxerófila. Os vales são rasgados por rios e córregos pedregosos, totalmente secos a maior parte do ano, ou o ano todo. Um desses leitos secos chama-se riacho do Navio, no alto Sertão do Pajeú, em Pernambuco.

*Riacho do Navio, corre pro Pajeú
O Rio Pajeú vai desaguar no São Francisco
O Rio São Francisco Vai bater no meio do mar ...*

Nesse ambiente extremamente seco na maior parte do ano, o prenúncio das chuvas tardias acontece quando o “mandacaru flora na seca”, ou no canto da Pedra do Claranã, no lado Pernambucano da Serra do Araripe.

A pesquisa acadêmica possibilitou, por exemplo, a descoberta e mapeamento de cavernas, cachoeiras e áreas de garimpo na Chapada Diamantina (Seabra, 1991; Neu, 1990). Fazem parte dos roteiros turísticos de Pernambuco, os brejos de altitude

– Taquaritinga e Triunfo, há décadas objetos de estudo do geógrafo Gilberto Osório de Andrade. Atualmente desenvolve-se um turismo de base social no Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato (Piauí), como resultado da identificação dos sítios arqueológicos, em trabalho coordenado pela arqueóloga Niéde Guidon.

Na Paraíba, pesquisadores da Universidade Federal (Departamento de Geociências) executam projetos voltados para o Planejamento do Turismo nos Brejos de Altitude, incentivando o ecoturismo e o turismo rural, através do uso das reservas florestais e da revitalização dos engenhos de cachaça e de rapadura. Também são objetos da pesquisa acadêmica o Sertão e o Cariri Paraibano.

Em Pernambuco, no ano de 1838, o fanatismo sebastianista teve seu ápice, com sacrifícios humanos executados do alto de pontões escarpados, na chamada Pedra do Reino, em São José do Belmonte. O fato é lembrado todos os anos, no último domingo de maio, quando uma grande cavalgada parte da cidade para a Pedra do Reino, atraindo visitantes de várias regiões e estados do Nordeste.

Uma alternativa econômica para o semi-árido

Dado ao seu caráter natural, cultural, paisagístico, sócio-econômico, ecológico e educativo, o turismo sertanejo insere-se na perspectiva desenvolvimento/preservação ambiental das áreas interioranas do Brasil. Seguindo no contra-fluxo do modelo economicamente concentrador que vigora no País, o turismo sertanejo prioriza a capacidade de suporte dos sistemas naturais e, ao mesmo tempo, incentiva o desenvolvimento sustentável dos sistemas econômico - sociais.

Encontra-se inserida nessa nova proposta a compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos físicos, biológicos, sociais, econômicos, tecnológicos, culturais, científicos e éticos. O palco onde se desenvolvem as ações do turismo sertanejo corresponde aos pequenos centros urbanos interioranos (arquitetura, artesanato, culinária, folclore), bem como as áreas rurais contíguas, destacando-se as paisagens naturais e agropecuárias.

De uma maneira bastante sintética, pode-se dizer que o turismo sertanejo insere-se na categoria de turismo exótico, um misto de agroecoturismo, com ênfase na cultura regional e no fortalecimento da auto-estima da comunidade local.

Ao apresentar alternativas econômicas para o semi-árido nordestino, o turismo sertanejo impulsiona a cadeia produtiva, tendo como base a descoberta e identificação dos atrativos turísticos, sem que haja descaracterização da paisagem sertaneja e nem a perda da identidade cultural do homem do sertão. Outro aspecto importante é a revitalização do padrão arquitetônico urbano, a limpeza das cidades e a revalorização das feiras livres, onde o artesanato e a culinária servirão como incentivo cultural e econômico.

Neste panorama é idealizada uma nova modalidade de turismo alternativo de custos reduzidos, uma vez que os recursos turísticos já se encontram no local. Por outro lado, a mão-de-obra é formada pelo próprio homem sertanejo e sua família. Estes são os marcos conceituais que definem o turismo sertanejo, que se caracteriza por ser uma atividade de lazer interativa com a paisagem interiorana, onde estão presentes o quadro natural, a cultura local e a participação integrada da comunidade residente.

De base fundamentalmente social, o turismo sertanejo tem um perfil agroecoturístico e cultural, possibilitando ao turista vivenciar experiências participativas em meio à paisagem sertaneja, deleitando-se com as apresentações folclóricas e culturais. Além do mais, o turista é acomodado em pequenas unidades hoteleiras familiares, nos pequenos centros urbanos e no campo, onde os hábitos simples de vida são um elemento a mais na paisagem, proporcionando descanso, lazer e crescimento pessoal ao visitante.

O cenário para o desenvolvimento desses recursos turísticos deve resultar, necessariamente de um esforço conjunto entre os órgãos oficiais federais e estaduais, prefeituras, universidades, empresários, trade turístico e a mídia, cuja troca de experiências possibilitará o resgate da auto-estima do homem do sertão, bem como sua ascensão social através do incremento na produção econômica local.

O Turismo Sertanejo em Ouricuri

Um exemplo de projeto bem sucedido, para o desenvolvimento do turismo sertanejo em regiões semi-áridas, é o que está sendo implementado pela **ONG**

CAATINGA - Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não Governamentais Alternativas, na zona rural de Ouricuri, no estado de Pernambuco (Seabra, 2001c). Com experiência na região de quinze anos, o CAATINGA propõe, de maneira aplicada, alternativas econômicas para as comunidades rurais, notadamente no que diz respeito à agricultura de sequeiro ou com irrigação localizada (construção de barragens subterrâneas), a melhoria do plantel de animais, a produção de mel de abelhas e o abastecimento de água para consumo humano, com a construção de cisternas nas residências do campo. Outra iniciativa pioneira do CAATINGA diz respeito à implementação de um projeto de turismo social, captando recursos, agregando renda e elevando o padrão de vida da população rural.

O Projeto de Turismo Social do CAATINGA (Seabra, 2001c) encontra-se em sua fase inicial, que compreende:

- Identificar as potencialidades turísticas locais com base nos valores paisagísticos e culturais;
- Resgatar e incentivar a identidade cultural local;
- Definir locais e roteiros turísticos na Região;
- Melhorar infraestrutura e equipamentos rurais;
- Relacionar parceiros potenciais;
- Capacitar representantes comunitários para inserção no Projeto;
- Implantar oficinas de treinamento direcionadas à comunidade local;
- Divulgar o Projeto Turístico do CAATINGA nos diversos estados do Brasil, nas universidades federais e instituições particulares de ensino superior.

O cenário para implantação e desenvolvimento do projeto de turismo social compreende o município de Ouricuri e seu entorno, localizado na Microrregião do Araripe, no Sertão de Pernambuco.

A cidade de Ouricuri possui localização privilegiada, ao situar-se na Microrregião do Araripe, que está inserida na Mesorregião do Sertão Pernambucano. Situa-se geograficamente em um entroncamento que dá acesso à Araripina e ao Piauí (oeste); Petrolina (sul); Recife (leste) e Crato (norte). As rodovias integram Ouricuri a dezenas de

municípios situados no sertão, agreste e mata de Pernambuco e dos estados do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia.

Do ponto de vista fisiográfico a área corresponde a uma superfície sertaneja pediplanada, recoberta por vegetação de caatinga arbóreo-arbustiva. O clima semi-árido (Bsh, na classificação de W. Köppen) da área determina a ocorrência de rios intermitentes, cuja deficiência hídrica deve-se às elevadas temperaturas e à escassez e irregularidade das chuvas.

A monotonia da paisagem aplanada é quebrada pela presença dos contrafortes da Chapada do Araripe e morros testemunhos (inselbergues) encontrados isoladamente na planície.

A cobertura vegetal é representada pela caatinga, possuindo, em algumas propriedades, elevado estado de conservação. No projeto, dois sítios foram selecionados para visitas públicas, em um deles será criado o Parque Ecológico da Caatinga e, na outra, o Parque Agroecológico. Em ambas as propriedades verificou-se ocorrência tanto da formação arbustiva, como da formação arbórea, com ocorrência de diversas espécies nativas como tamboril, angico, ibiratanha, pau-branco, catingueira, jurema, quipá, mandacaru, joazeiro, aroeira, mulungu, cajarana, barriguda, burra leiteira, pau ferro, pau d' arco, baraúna, umbuzeiro, umburana, cedro, macambira, caroá, palmatória, coroa-de-frade, mamão-de-veado, etc.

Muitas dessas árvores e arbustos são utilizadas como medicamentos para a cura de diferentes tipos de doenças, além do fabrico de cercas, casas, móveis, artesanatos e um sem número de utensílios domésticos. Diversas espécies vegetais são também usadas como suprimento alimentar pelas famílias sertanejas durante os longos períodos secos.

No tocante à fauna silvestre destacam-se o veado catingueiro, o queixada, o tatu, o peba, o lobo-guará, o sagüi, o camaleão, o calango e diferentes espécies de cobra. Entre as aves destacam-se juriti, beija-flor, bem-te-vi, guinguirra, arribaçã, nambu, seriema, rolinha e casaca-de-couro.

A zona rural de Ouricuri, com aproximadamente 30.000 habitantes, possui características naturais e sócio-culturais próprias, o que configura-se na preservação da identidade da paisagem sertaneja.

Além das cisternas e barragens subterrâneas, o CAATINGA implantou o Programa de Apicultura, possibilitando a retirada de grande quantidade de mel-de-abelhas de excelente qualidade, proveniente das flores de várias espécies nativas, que conta com mercado seguro dentro e fora do País.

Com relação aos aspectos culturais da população são evidenciadas as festas e tradições, como folguedos, danças, e festejos religiosos. A comida típica, as brincadeiras, os mitos, as lendas e os causos são traços marcantes da cultura popular. As histórias e as lendas da região são contadas em prosa e verso, através da literatura de cordel e embates dos repentistas.

Outro elemento cultural importante é a Feira de Gado, realizada nas quintas-feiras, que reúne vaqueiros, comerciantes, artesãos e violeiros de várias regiões. Neste local são oferecidos pratos típicos diversos, representando o que há de melhor na culinária sertaneja. A identidade cultural apresentada na Feira do Gado é um elo de ligação entre as culturas urbana e rural, sendo, por isso, um atrativo turístico de grande valor.

As habitações rurais espaçosas e confortáveis, estilo casa grande, são marcos arquitetônicos do Período Colonial. Os limites das propriedades são evidenciados pelas cercas de varas *em-pé* e *deitada*, *trançada* e de *forquilha*, construídas com madeira, lenha e pedras do próprio local.

Na área de atuação do Projeto CAATINGA, vislumbra-se em meio à paisagem seca do semi-árido equipamentos alternativos que possibilitam condições dignas de moradia, trabalho e qualidade de vida para o homem sertanejo. O conforto pode ser observado nas habitações amplas, construídas em alvenaria, eletrificadas, com sanitários e cisternas. Algumas residências possuem meios de comunicação modernos, como rádio, televisão e antenas parabólicas. Como meios de transporte local, são utilizados, principalmente, automóveis, motocicletas e bicicletas. O cavalo é pouco usado como meio de transporte dos moradores locais. Porém, o carro de boi é ainda bastante empregado no transporte de produtos diversos.

Na localidade do Jatobá ainda se encontram traços culturais tradicionais, como o engenho de rapadura movido a tração animal (boi) e o fabrico de alfinim (rapadura mole semelhante as suspiro) pelas mulheres do lugar.

Durante os trabalhos de campo houve visita a algumas residências rurais, entre as quais uma foi vistoriada para estudo de viabilidade para implantação de uma pousada rural de base familiar. Constatou-se o estado satisfatório de conservação do imóvel, a divisão dos ambientes internos e externos, bem como o quintal, apropriado, limpo e asseado, aprazível aos olhos, pelo criatório de animais domesticados e a cobertura vegetal regional. Os imóveis possuem capacidade para receber no máximo dez visitantes por vez. Para maior comodidade do turista, as residências rurais são dotadas de cisternas, água encanada, sistema de saneamento, e eletricidade.

A estratégia para consolidação do projeto compreende a divulgação em nível local, regional e nacional, através da participação em feiras, seminários, congressos e apresentação de conferências em cursos técnicos e de nível superior.

Como resultado da implementação deste projeto de turismo social rural, pretende-se mobilizar, capacitar e integrar as comunidades rural e urbana ao projeto, proporcionando elevação do padrão de vida da sociedade como um todo, fortalecendo a identidade paisagística e cultural regional.

Ao final de dois anos, o projeto estará consolidado, apresentando um fluxo permanente de turistas para o Município de Ouricuri.

Considerações finais

A região semi-árida é veiculada na mídia como uma área marcada pela pobreza e a miséria. Lugar onde impera o analfabetismo, a ignorância, a fome e a doença.

Na zona rural de Ouricuri, município localizado no alto sertão pernambucano, a ONG CAATINGA vem atuando há dezesseis anos tornando possível, não somente a convivência do sertanejo com longos períodos secos, mas possibilitando melhor qualidade de vida com o desenvolvimento de técnicas direcionadas ao abastecimento de água e à criação de alternativas econômicas através do associativismo.

Nesse contexto, surgiu a proposta de introdução na zona rural do turismo social, como mais um elemento para o aumento de renda da comunidade.

Passados seis meses desde o seu início, o projeto de turismo social rural de Ouricuri conta com equipamentos básicos para recepção do turista na sede rural do

CAATINGA, como um alojamento para quarenta visitantes, refeitório, auditório, museu e microônibus. Também foram selecionadas algumas residências rurais que serão cadastradas como pousadas familiares. Além das visitas às propriedades rurais, os sítios Ponta da Serra e Campo Grande estão sendo adaptados para visita pública, respectivamente, o Parque Ecológico da Caatinga e o Parque Agroecológico da Caatinga.

Atualmente o Projeto recebe turistas de Recife, João Pessoa e Fortaleza (mais frequentes) além de outras regiões do País. Para acompanhamento dos visitantes, foram capacitados treze jovens pertencentes à comunidade, alguns deles já iniciados em trabalhos burocráticos e de administração.

Bibliografia

BENI, Mário Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Editora Senac, 1997.

GALLERO, Álvaro Lopes. Realidades del espacio del empleo en el sector turístico. IV *Encontro Nacional de Turismo com Base Local*. Anais. Joinville: IELUSC, novembro/2000.

NEU, Claudia. *O garimpo manual de Igatu e seus efeitos no meio ambiente*. FFLCH/UFPE, 1990.

SEABRA, Giovanni F. *Estudo geomorfológico da Região Cárstica de Andaraí: uma contribuição à conservação de cavernas*. Tese de Mestrado. Departamento de Geografia/UFPE, 1991.

SEABRA, Giovanni F. *Fundamentos e Perspectivas da Geografia*. João Pessoa: Editora UFPB, 1997.

SEABRA, Giovanni F. *Pesquisa Científica: o método em questão*. Brasília: Editora UnB, 2001a.

SEABRA, Giovanni F. *Ecos do Turismo: o turismo ecológico em áreas protegidas*. Campinas: Editora Papirus, 2001b.

SEABRA, Giovanni F. *Plano de Negócios CAATINGA: Sistema I – Turismo Social*. Ouricuri, 2001c.

